
Desenhos animados e estudos de recepção: um breve histórico das principais correntes de investigação

Dibujos animados y los estudios de recepción: un breve histórico de las principales corrientes de investigación

Animated cartoons and audience analysis: a brief history around the main traditions

Recebido em: 5 mai. 2013

Aceito em: 5 nov. 2013

Glaucia da Silva BRITO

Universidade Federal do Paraná (Curitiba-PR, Brasil)

Professora do programa de Pós-Graduação em Comunicação do PPGCOM/UFPR e do programa de Pós-Graduação em Educação do PPGE/UFPR. Contato: gal.brito@gmail.com

André Richard Durante VIEIRA

Universidade Federal do Paraná (Curitiba-PR, Brasil)

Mestrando do programa de pós-graduação em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná. Contato: ardvieira@gmail.com

RESUMO

Neste artigo é traçado um panorama histórico sobre a recepção de desenhos animados à luz das principais correntes teóricas da Comunicação, com o objetivo de compreender os delineamentos teórico-metodológicos próprios de cada corrente. Para isso, partiu-se da sistematização proposta por Jensen e Rosengren (1990), que classificaram o estudo da recepção em cinco correntes: Teoria dos Efeitos, Usos e Gratificações, Estudos Literários, Estudos Culturais e Análise da Recepção. A metodologia utilizada consiste no levantamento de pesquisas relevantes em cada uma das cinco correntes, relacionando os métodos utilizados com os pressupostos teóricos próprios de cada uma delas. Foram identificados pontos de contato entre essas abordagens, bem como influências teóricas e metodológicas entre as correntes de investigação nos estudos de recepção.

Palavras-chave: Recepção; Audiência; Desenhos; Infância; Comunicação.

RESUMEN

En este artículo se trazó un panorama histórico sobre la recepción de dibujos animados bajo las principales corrientes de la Teoría de la Comunicación, con el objetivo de comprender los diseños teóricos y metodológicos específicos para cada línea de investigación. El punto de partida para esta análise es la sistematización propuesta por Jensen e Rosengren (1990), que clasificaron el estudio de la recepción en cinco corrientes: Teoría de los Efectos, Usos y Gratificaciones, Crítica Literaria, Estudios Culturales y Análisis de la Recepción. La metodología utilizada consiste en la búsqueda de investigaciones académicas pertinentes a cada una de las cinco corrientes, relacionando los métodos utilizados con los supuestos teóricos específicos de cada una. Se identificaron puntos de contato entre estos abordajes y influencias teóricas y metodológicas que determinada corriente ejerció sobre otra en los estudios de recepción.

Palabras clave: Recepción; Audiencia; Dibujos; Infancia; Comunicación.

ABSTRACT

This article provides a historical overview about the reception of animated cartoons under the main traditions of the Communication Theory, with the objective of understanding the theoretical and methodological designs of each tradition. The starting point is the classification proposed by Jensen and Rosengren (1990), who categorized the audience analysis in five traditions: Effects Research, Uses and Gratifications, Literary Criticism, Cultural Studies and Reception Analysis. The methodology used in this article consists in a survey of relevant researches carried on in each of the five traditions, describing the applied methods and theoretical assumptions. Points of contact have been identified between these approaches, as well as methodological and theoretical influences which a given line of investigation has produced in another concerning the reception studies.

Keywords: Reception; Audience; Cartoons; Childhood; Communication.

Introdução

Os desenhos animados são objeto de investigação da pesquisa em comunicação há cerca de sessenta anos. As primeiras abordagens empíricas se deram nos EUA, à luz das correntes funcionalistas anglo-saxônicas, e tinham foco voltado aos efeitos produzidos no público infantil. Com o surgimento de diversas teorias da comunicação que surgiram no decorrer do século XX, o estudo da recepção tornou-se algo complexo, multidisciplinar, e envolveu as mais diferentes formas e perspectivas de abordagem. Para compreender como a recepção foi estudada, em especial a recepção de desenhos animados e programas infantis, utilizamos a classificação proposta por Jensen e Rosengren (1990), que classifica o estudo da recepção em cinco diferentes correntes: Teoria dos Efeitos, Usos e Gratificações, Estudos Literários, Estudos Culturais e Análise da Recepção. Além disso, partiremos para uma imersão no mundo latino-americano, com a contribuição dos Estudos Culturais Latino-Americanos, que incorporou aspectos socioculturais do continente e enriqueceu o estudo da recepção, a partir da teoria das mediações de Martín-Barbero.

Estudos de recepção e o funcionalismo anglo-saxônico

De acordo com Martino (2009), é possível identificar três fases pelas quais passaram os estudos de recepção na tradição anglo-saxônica. Nos anos 1920, os estudos voltavam para os efeitos dos meios de comunicação de massa. A partir dos anos 1940, o foco se voltou para os usos que o público faz da mídia, relativizando e limitando os efeitos dos meios de comunicação de massa. Nos anos 1970, houve uma retomada da teoria de efeitos ilimitados da comunicação, "retomando a ideia de uma mídia super poderosa, capaz de influenciar gostos, opiniões e atitudes políticas." (*Id.*, 2009: 184).

O período entre as duas grandes guerras marcou o surgimento de diversas teorias psicossociais funcionalistas nos EUA. Foi nessa época que se desenvolveram a escola behaviorista, fundada por John Watson, as teorias de condicionamento, de Pavlov, os estudos da psicologia de massa, de Le Bon, e da psicologia social, de William McDougall, teorias que compartilhavam muitas das metodologias derivadas das ciências naturais. Este foi um período que evidenciou também a sistematização dos estudos da comunicação de massa nos EUA, profundamente influenciados por teorias psicossociais e pelo contexto de guerra. Os estudos de comunicação focavam nos efeitos

da propaganda de guerra no público, e daí estenderam-se a compreender como se dava a recepção das mensagens no público e quais as consequências geradas.

Esse conjunto de estudos norte-americanos, designado por *Mass Communication Research*, focou nos efeitos de curto prazo dos meios de comunicação de massa. Harold Laswell, um dos principais expoentes da *Mass Communication Research*, concebia a audiência como um público amorfo, obedecendo passivamente aos estímulos provocados pelo emissor. Nessa primeira fase, há a concepção clara de que a mídia exerce efeitos fortes sobre o público. Os estudos de recepção estão ligados aos efeitos da propaganda política de guerra, pesquisas eleitorais e de opinião pública e de campanhas publicitárias.

No campo dos desenhos animados, as pesquisas na corrente da Teoria dos Efeitos tinham foco voltado para o estudo do impacto dos desenhos nos comportamentos das crianças. Siegel (1956) analisou os potenciais efeitos da violência presente nos meios de comunicação de massa, não encontrando significativas diferenças entre desenhos infantis violentos e não-violentos. Hapkiewicz e Roden (1971) conduziram uma pesquisa que analisou o potencial comportamento agressivo de um grupo de crianças expostas a diferentes tipos de desenhos animados. O experimento foi conduzido com 60 alunos de uma escola na região de Nova York, com idades entre 6 e 8 anos. Os alunos foram aleatoriamente divididos em três grupos e designados a diferentes atividades: (1) assistir a um desenho animado agressivo; (2) assistir a um desenho animado não-agressivo; (3) não assistir a nenhum desenho animado. Os desenhos eram assistidos através de cabines individuais que continham um projetor e uma tela, montadas sobre uma mesa, contendo um pequeno orifício pelo qual a criança assistia ao desenho. Logo após, as crianças eram encaminhadas à sala experimental, na qual os três grupos se juntariam na presença dos pesquisadores. O comportamento das crianças após terem assistido aos desenhos foi analisado sob diferentes categorias, que incluíam agressão (empurrar colegas, pegar coisas à força, etc.), bem como comportamentos não-agressivos (compartilhar objetos, por exemplo). A pesquisa concluiu que crianças expostas a desenhos animados violentos tendem a apresentar comportamentos mais agressivos, especialmente os meninos, e menos propensão a compartilhar objetos com outros colegas.

Mussen e Rutherford (1961) desenvolveram pesquisas semelhantes, buscando compreender as atitudes agressivas e expressões verbais de crianças após assistirem desenhos animados violentos.

As pesquisas em comunicação começam a tomar outra direção a partir do final dos anos 1940, deslocando o foco dos efeitos da mídia sobre o público para os usos que o público faz das mídias. A pergunta "o que a mídia faz com o indivíduo" muda para "o que o indivíduo faz com a mídia", marcando o surgimento da Teoria dos Usos e Gratificações, que surge a partir da crítica dos efeitos limitados das mídias, dentro da tradição funcionalista anglo-saxônica. A audiência é, então, concebida de forma ativa, direcionada a um objetivo; ela conhece suas necessidades, seus desejos, e é responsável pela escolha dos meios para atingir tais objetivos. Os meios de comunicação são encarados meramente como uma forma de satisfazer necessidades pessoais, que podem ser alcançados através dos próprios meios ou por outros caminhos. (LITTLEJOHN, 1999).

Os estudos iniciais do que se considera a fase clássica da Teoria dos Usos e Gratificações se deram nos anos 1940, com trabalhos como os de Herta Herzog e Paul Lazarsfeld em pesquisas sobre as gratificações oferecidas pelo rádio a seus ouvintes. Berelson (1949, *apud* LITTLEJOHN, 1999) identificou a partir de sua pesquisa quatro razões pelas quais as pessoas liam jornais: informação e interpretação das questões públicas, ferramenta de orientação para a vida cotidiana, escapar das questões cotidianas e prestígio social. Schramm, Lyle e Parker (1961) acrescentaram a afetividade como componente adicional aos usos e gratificações proporcionados pelos meios, demonstrando que

os indivíduos buscavam a mídia como uma maneira de se integrar aos acontecimentos da vida social - saber o que estava acontecendo era um ponto fundamental para o estabelecimento de contato com outras pessoas, bem como para uma melhora nas possibilidades na vida social. Schramm destacou o aspecto voluntário das relações que as pessoas estabeleciam com os meios de comunicação. Longe de serem compelidas a eles por razões de controle ou efeitos de dominação, as pessoas procuravam a mídia como uma maneira de resolver algumas de suas questões relativas à integração social. (MARTINO, 2009: 187-188).

Himmelweit, Oppenheim e Vince (1958) publicaram no Reino Unido um estudo pioneiro sobre o uso da televisão pelo público infantil. Eles compararam a recepção de programas infantis em crianças com acesso a um único canal de televisão, a estatal BBC, com crianças que tinham acesso a própria BBC e a outros canais comerciais. O objetivo era analisar, do ponto de vista da Teoria dos Usos e Gratificações, como a criança se utilizava da televisão, a fim de obter uma satisfação pessoal. Eles concluíram

que crianças com acesso a diversos canais, quando expostas a programas educacionais na BBC, quase sempre buscavam outros canais, em busca de desenhos animados. Crianças expostas unicamente à BBC, sem canais alternativos, teriam unicamente as opções de continuar assistindo à programação educativa ou de desligar a televisão. Os pesquisadores notaram que a maioria das crianças permanecia assistindo à BBC e acabavam gostando do programa educativo. Dessa forma, concluíram que uma maior variedade de programas infantis promove uma menor diversidade de gostos e preferências.

Schramm *et al.* (1961) publicaram o primeiro estudo extensivo sobre a relação entre a televisão norte-americana e o público infantil. O estudo analisou aproximadamente 6.000 crianças, suas famílias e educadores nos EUA e Canadá, no período de três anos. A partir de entrevistas, os pesquisadores traçaram um amplo espectro do uso da televisão por diferentes grupos de crianças¹. Entre as conclusões do estudo, identificaram que as crianças usam a televisão como forma de entretenimento e fuga, e identificaram a busca pela fantasia como a principal satisfação gerada pela televisão.

As pesquisas envolvendo os usos e as gratificações promovidas pela televisão partem de premissas diferentes da teoria dos efeitos. Nesse sentido, Schramm *et al.* (1961) afirmam que

gostaríamos que fosse possível dizer que a televisão tem este ou aquele efeito em crianças, e que portanto este tipo de televisão é ruim, aquele é bom. Infelizmente, isso não se dá dessa forma. Os efeitos não são tão simples assim. (...) De certa forma, o termo "efeito" é mal interpretado, pois sugere que a televisão "faz alguma coisa" na criança. A conotação é de que a televisão é um ator; as crianças são agentes passivas desse ator. Dá-se a impressão de que as crianças aparentam ser inertes e a televisão relativamente ativa. As crianças são simplesmente vítimas; a televisão as morde. Nada pode ser tão mais distante da realidade do que isso." (SCHRAMM *et al.*, 1961: 1, tradução nossa).

A recepção sob a ótica dos Estudos Literários

Os Estudos Literários são uma Escola ligada à Hermenêutica com origem nos anos 1960. Ela se encarregou de analisar a interpretação textual a partir do resgate da

¹ A pesquisa foi conduzida com 11 diferentes grupos de crianças, famílias e educadores, localizados em San Francisco, 5 pequenas comunidades nas Montanhas Rochosas, Denver e comunidades no Canadá. As crianças eram em grande maioria estudantes do ensino fundamental norte-americano. Ao todo foram entrevistadas 5.991 crianças, 1.958 pais e centenas de educadores.

historicidade da arte e da literatura e da valorização do receptor como sujeito produtor de sentidos.

Sob a alcunha de Estudos Literários encontram-se diversas correntes, como a Estética da Recepção, de tradição alemã, com os trabalhos de Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, entre outros, e a *Reader-response Theory*, escola associada com o nome de Stanley Fish, nos EUA.

O foco da interpretação dos sentidos nos Estudos Literários é o receptor. Na recepção não há um único sentido, mas tantos sentidos quantos forem os receptores. A recepção se dá na interação entre a consciência do autor que produziu a obra (livro, arte, filme, etc.) com a sensibilidade (estética), interpretação do receptor. Ao contrário da Escola de Frankfurt e das escolas funcionalistas anglo-saxônicas, Jauss não acreditava que as mensagens tinham um caráter potencialmente negativo, pois estariam sujeitas à aceitação ou recusa do receptor, portanto não passivamente sujeitas às regras lógicas do mercado. (MARTINO, 2009). De acordo com Zilberman (1989), essa mudança de foco de investigação, do texto imutável para o leitor, explica-se historicamente pelo contexto de revoltas estudantis dos anos 1960, pelas transformações política e cultural que afetaram a vida universitária e pela demanda por um novo paradigma de investigação literária.

A corrente da Estética da Recepção postula que há uma relação dialógica entre o leitor e o livro na literatura. O leitor de cada época irá atualizar a obra, trazê-la a um contexto. É o leitor que irá pré-determinar a recepção a partir de seu "horizonte de expectativas" e das regras do jogo a ele familiares. (JACKS e ESCOSTEGUY, 2005). Wolfgang Iser acrescentou à Estética da Recepção o conceito de "espaços vazios", inspirado pela abordagem fenomenológica. Iser identifica que na recepção o sentido é determinado pelo leitor, mas dentro de uma estrutura textual. A ele é oferecida a oportunidade de preencher os "espaços vazios", ou seja, cabe ao receptor determinar o sentido da mensagem, mas de acordo com instruções contidas na estrutura do texto. Iser diverge dessa maneira da visão de estímulo-resposta e propõe um modelo de recepção interativa.

Norbert Neuss (2003) estudou os desenhos animados e filmes para o público infantil sob a ótica da Teoria dos Espaços Vazios de Iser e concluiu que a televisão provoca um estímulo na fantasia infantil de diversas maneiras. Expressões como "Era uma vez ..." ou "Em uma terra distante, há muitos anos ..." remetem a instruções de recepção que se passam em outra realidade de espaço e tempo, que não podem ser

classificadas no sistema de referências de nossa vida profana cotidiana. O tempo e local exatos por onde a história se passa são deixados para a imaginação do receptor mirim.

Outra corrente contemporânea à Estética da Recepção é a *Reader-response Theory*. Essa perspectiva acrescentou o conceito de "comunidades interpretativas", termo cunhado por Stanley Fish, ao processo de recepção. De acordo com Littlejohn (1999), a apreensão dos sentidos não é um fenômeno individual, mas coletivo. As comunidades interpretativas seriam, portanto, grupos de leitores que se interagem, construindo realidades comuns, empregando-as em suas leituras na produção de sentidos. Os significados textuais são múltiplos e totalmente dependentes da interpretação do receptor (LITTLEJOHN, 1999). Jacks e Escosteguy (2005) acrescentam que algumas proposições de Fish exerceram importante influência na pesquisa da recepção em comunicação, porque "consideram o sentido e a experiência proporcionada no momento da relação com o texto e não como efeito da obra, e porque não se restringiu aos textos literários". (JACKS e ESCOSTEGUY, 2005: 37).

A perspectiva dos Estudos Literários entende a recepção como "as sucessivas concretizações de uma obra, a relação dialógica entre texto e leitor, a liberar em cada época o potencial semântico-artístico da obra e inscrevê-lo na tradição literária" (MATTELLART e MATTELLART, 1999: 146). Denota-se uma aproximação dessa Escola com os Estudos Culturais, ao entender que o receptor é agente de produção de sentidos, embora os Estudos Literários estejam centrados na "alta" cultura em detrimento das culturas populares, como denotam Jensen e Rosengren (1990).

Os Estudos Culturais e a Análise de Recepção

Os Estudos Culturais e a Análise de Recepção são duas correntes de investigação muito próximas. Jensen e Rosengren (1990) classificam-nas separadamente como duas Escolas distintas, embora reconheçam que ambas tenham diversos pontos de convergência, tanto em termos de abordagem quanto método. Os autores, no entanto, justificam essa distinção propondo que a Análise de Recepção tem um escopo de estudos voltado às audiências, sendo mais uma abordagem pluralista, construída

a partir de vários campos do saber que vão do interacionismo simbólico à psicanálise, e mais especificamente, da estética da recepção aos usos e gratificações, com o objetivo de superar os limites

de cada uma destas perspectivas, que no fundo são os limites nos modos de pesquisar tanto das ciências sociais como das humanidades". (JACKS e ESCOSTEGUY, 2005).

Para compreender como ambas abordam o fenômeno da recepção é fundamental entender o contexto no qual os Estudos Culturais surgiram e de que forma o receptor é entendido por ambas as correntes de investigação. A origem da corrente dos Estudos Culturais está ligada à fundação do CCCS - Centre for Contemporary Cultural Studies, na Universidade de Birmingham, Inglaterra, por Richard Hoggart, em 1964, embora tenha sua origem distante nos estudos de crítica literária de Frank Leavis dos anos de 1930 (A. MATTELART e M. MATTELART, 1999). Os Estudos Culturais formaram uma corrente crítica que analisou as culturas e sociedade sob diferentes óticas, interessando-se nas relações entre textos, grupos sociais e contextos e nas relações de práticas simbólicas e estruturas de poder (JACKS e ESCOSTEGUY, 2005). Além de Hoggart, entre os principais representantes do que se convencionou chamar de Escola de Birmingham dos Estudos Culturais estão Raymond Williams, Edward Palmes Thompson e Stuart Hall.

A. Mattelart e M. Mattelart (1999) ressaltam o caráter heterogêneo das preocupações e referências dos estudos culturais britânicos, formando um "caldeirão de cultura de importações teóricas, de trabalhos inovadores com objetos julgados até então indignos do trabalho acadêmico". (MATTELART e MATTELART, 1999: 56). De acordo com Agger (1992, *apud* ESCOSTEGUY, 2001)

o grupo do CCCS amplia o conceito de cultura para que sejam incluídos dois temas adicionais. Primeiro: a cultura não é uma entidade monolítica ou homogênea, mas, ao contrário, manifesta-se de maneira diferenciada em qualquer formação social ou época histórica. Segundo: a cultura não significa simplesmente sabedoria recebida ou experiência passiva, mas um grande número de intervenções ativas - expressas mais notavelmente através do discurso e da representação - que podem tanto mudar a história quanto transmitir o passado. Por acentuar a natureza diferenciada da cultura, a perspectiva dos estudos culturais britânicos pode relacionar a produção, distribuição e recepção culturais a práticas econômicas que estão, por sua vez, intimamente relacionadas à constituição do sentido cultural. (*apud* ESCOSTEGUY, 2001: 156).

A ampliação do sentido de cultura permite que ela abrigue uma ampla variedade de perspectivas, partindo de uma valorização e legitimação das culturas ditas como populares e a negação da distinção entre alta cultura e baixa cultura.

Em 1973, Stuart Hall publicou "Codificação/Decodificação", onde propõe um método de estudo de recepção com foco voltado para um receptor contextualizado, dotado de uma visão de mundo. O método de análise proposto por Hall é focado na recepção da televisão, e considera a comunicação dividida em etapas, que vão desde a produção (codificação da mensagem) até o momento do consumo, a recepção da mensagem, que é decodificada pela audiência, pelo receptor. Na recepção, o receptor poderá decodificar a mensagem de forma dominante, ou seja, de acordo com o interesse original do emissor, de forma oposicional, quando o receptor entende a proposta dominante mas a interpreta segundo uma visão alternativa de mundo, ou ainda de forma negociada, contraditória, seguindo valores de aceitação e refutação simultaneamente. (ESCOSTEGUY, 2001). As primeiras pesquisas de recepção inspiradas em versões adaptadas do método analítico de Hall ou versões se deram no final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Morley (1980) investigou qualitativamente a recepção do programa de televisão Nationwide, da BBC. Nesse estudo, Morley argumenta que há uma diversidade de interpretações diferentes da recepção do programa e que esses diferentes pontos de vista do receptor dependem da estrutura socioeconômica em que se inserem, e que membros de diferentes grupos ou classes, compartilhando diferentes códigos culturais, interpretam a mensagem de forma diferente. (STAIGER, 2005).

David Buckingham (1996, *apud* STAIGER, 2005), analisou como as imagens violentas na programação infantil afeta as crianças partindo de uma diferente perspectiva. Ao invés de questionar sobre os *efeitos*, parte para uma investigação sobre *como* a criança percebe e toma consciência da violência na televisão. Buckingham conclui que a interpretação da criança e quaisquer possíveis efeitos da recepção dependem da noção que ela tem de violência, e que com o passar dos anos a criança lida com a mídia com diferentes graus de percepção. (STAIGER, 2005). Mackinlay e Barney (2008) analisaram o programa infantil australiano *Play School* a partir de um olhar social e antropológico, analisando os discursos envolvendo raça, alteridade e identidade indígena.

Silva (1999) utilizou o método etnográfico para entender a forma pela qual a criança brinca a partir do que assiste na televisão. Para isso, entrevistou crianças no ambiente da pré-escola e utilizou a observação participante para entender a recepção dos desenhos infantis e de como as crianças se apropriam dos elementos televisivos, ressignificando-os nas brincadeiras. Boynard (2002) também analisou a recepção de desenhos animados por crianças, procurando identificar a compreensão das crianças dos

significados de bom-mau, bem-mal, certo-errado. A pesquisa envolveu uma abordagem antropológica de duas escolas infantis com perfis completamente distintos, sendo uma escola localizada numa região miserável do Rio de Janeiro, com público formado por crianças moradoras de favelas e de áreas invadidas, e outra escola frequentada pela elite econômica da cidade.

Assim como os Estudos Culturais, a Análise de Recepção compreende as mensagens como discursos culturalmente codificados e os receptores como produtores de sentido. Aproxima-se da teoria dos Usos e Gratificações ao entender que o receptor é agente ativo, capaz de consumir e decodificar as mensagens de acordo com seu interesse e ao uso que lhe convém. Ela ao mesmo tempo se preocupa com a análise de conteúdo com análise de audiência, o que denota suas características qualitativa e empírica. Ela entende que os discursos da mídia e os discursos do público devam ser comparados (ou seja, a comparação entre o conteúdo da mídia com a resposta do público em relação a esse conteúdo) e que essa comparação deva ser interpretada à luz do sistema sociocultural, que por sua vez é contextualizado como uma configuração histórica das práticas sociais e interpretativas da comunidade estudada. (JENSEN e ROSENGREN, 1990).

Os Estudos Culturais Latino-Americanos

As ideias e os produtos dos Estudos Culturais britânicos tomaram diferentes formas em outras partes do mundo. Na América Latina, suas ideias influenciaram e fizeram surgir uma escola com características próprias de Estudos Culturais Latino-Americanos. Jacks e Escosteguy (2005) ressaltam que entre os anos 1960 e 1970 a predominância ideológica no campo acadêmico era de submissão ao imperialismo norte-americano. Isso perdeu força nos anos 80 e 90, com a aproximação da cultura com a comunicação. Havia, portanto, uma alternativa às correntes frankfurtianas funcionalistas e à semiótica, que era uma nova corrente marxista com enfoque "gramsciano". Os modelos teóricos importados não davam conta de explicar essa realidade latino-americana e, além disso, efervescia o ambiente político e social, com as redemocratizações no continente, os movimentos pressionando por igualdades e as lutas contra a repressão. O que marca os Estudos Culturais na América Latina é a desideologização dos estudos em comunicação e a hibridização cultural, a mestiçagem daquilo que se considera a cultura latino-americana.

Um conceito chave para entender a corrente dos Estudos Culturais latino-americanos é o de mediações, proposto pelo colombiano Jesús Martín-Barbero. A partir do conceito de hegemonia de Gramsci, propõe um novo olhar do processo da comunicação, menos focado nos aparatos técnicos e mais voltado à experiência da vida cotidiana. Martín-Barbero (1997) utiliza o conceito de mediação como categoria que liga a comunicação à cultura, sendo a mediação o espaço entre a produção e a recepção no qual a vida cotidiana se realiza. Diversos conceitos chaves que fundamentam os Estudos Culturais na América Latina foram também incorporados pelo argentino Néstor García Canclini, um dos pais fundadores da Escola no continente. Canclini (2005) acrescenta à teoria das mediações de Martín-Barbero o conceito de consumo cultural, sendo o próprio consumo uma das principais mediações. Martino explica que

material e simbólico, o consumo ganha uma importância maior por ser a referência ao principal elemento, a mercadoria. A transformação do ato de consumir no centro do modelo capitalista, fazendo com que todas as outras práticas sociais se estruturassem ao redor do consumo de bens materiais e simbólicos, dota a mercadoria de uma importância jamais imaginada - uma das principais mediações é o efeito da posse de uma mercadoria nas outras pessoas. (MARTINO, 2009: 181).

Orozco Gómez (2000) propõe o modelo de multimediasções, no qual analisa as diversas mediações existentes na relação entre a televisão e o receptor. Essas mediações se mesclam e são fundamentais na produção de sentido para o receptor. Esse modelo de multimediasções implica

assumir que a audiência é composta por sujeitos e considerá-la "em situação", portanto condicionada individual e coletivamente. Implica vê-la em constituição por processos variados, e em constante diferenciação. Trata-se de considerar, portanto, a recepção um processo, resultante da interação receptor/televisão/mediações, em que as últimas entram no jogo contínuo do ato de ver TV, mas que ao mesmo tempo o extrapolam. (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005: 69).

Orozco Gómez (2000) testou empiricamente o modelo de multimediasções ao realizar um estudo no México no final dos anos 1980 sobre a recepção de desenhos animados por crianças, relacionando as multimediasções presentes na família, escola e na televisão. Para isso, propôs-se a investigar como as três instituições tratavam de socializar a criança.

A pesquisa buscou analisar como os conflitos eram resolvidos nos desenhos animados e como se processavam as mediações na recepção desses programas pelas crianças. Em desenhos como He-Man, Mulher Biônica, Mulher Maravilha, os conflitos se resolviam pela aniquilação do outro com o qual se está conflitando (OROZCO GÓMEZ, 2000). Isso contrasta com os meios de negociação, de diplomacia, ensinados na escola. Partiu-se, então, para entender como a escola e a família encaravam uma situação semelhante. O estudo concluiu que as crianças, em sua maioria, eram socializadas pela televisão, a escola não intervinha e a família intervinha pouco nessa relação, às vezes aliando-se à televisão. No entanto, muito além de conhecer a interferência dessas instituições na recepção de programas infantis, a pesquisa propiciou o aprofundamento das relações e das multimedias presentes no processo, e possibilitou conhecer, entre outros pontos, como se davam as relações dentro de casa (a mãe, por exemplo, passa mais tempo com o filho em casa, e tem influência mais forte do que o pai), o papel do professor como mediador e como ele entendia a televisão, as correlações entre classe social e a relação família-televisão, etc.

Fernandes e Oswald (2005) realizaram um estudo de recepção de desenhos animados com crianças do Rio de Janeiro de escolas públicas a partir de uma pesquisa etnográfica, na qual propuseram-se a entender o papel da televisão como possível aniquiladora da infância, ao escancararem as informações, deixando a criança em pé de igualdade com o adulto. Para isso, analisaram a recepção de desenhos animados a partir da orientação teórico-metodológica dos Estudos Culturais Latino-Americanos, e procuraram entender como as crianças e seus pais entendiam os desenhos animados na televisão. Os pesquisadores concluíram que a televisão, "no que se refere à assistência aos desenhos animados, pode ser instauradora do encontro e do diálogo entre crianças e adultos" (FERNANDES e OSWALD, 2005: 39), e que "estar em pé de igualdade com o adulto aqui não nos fez evocar o desaparecimento da infância, mas uma experiência de infância lúdica, coerente e crítica." (FERNANDES e OSWALD, 2005: 39).

Oswald (2005) baseou-se na orientação dos Estudos Culturais Latino-Americanos para pesquisar a relação estabelecida por um pequeno grupo de crianças brasileiras entre desenhos animados e histórias em quadrinhos japoneses, os mangás. A pesquisadora analisou as mediações no processo de leitura dos desenhos impressos e comparou-as com a recepção dos desenhos animados japoneses transmitidos pela televisão, e concluiu que os perfis da criança leitora e da mesma criança que vê a

imagem são diferentes, e que a televisão não aniquila o hábito da leitura, mas acaba por reforçá-la.

Pesquisas semelhantes norteadas pelos referenciais dos Estudos Culturais Latino-Americanos foram realizadas mundo hispânico. Vergara e Leyton (2008) fizeram um estudo etnográfico com um grupo de crianças chilenas e suas famílias e analisou como os elas se apropriavam dos significados presentes nos desenhos animados. Lazo (2005) analisou a recepção de programas infantis com 440 crianças espanholas, de idade entre 4 e 12 anos, e tentou compreender como a escola ajudava-os a assistir televisão.

Conclusão

Qualquer tentativa de classificação corre o risco de ser restritiva demais ou de fragmentar objetos de estudo semelhantes. Esse parece ser o caso da classificação em cinco correntes de investigação da recepção, proposta por Jensen e Rosengren. Este artigo demonstrou como algumas dessas Escolas se convergem. É o caso, por exemplo, dos Estudos Culturais Latino-Americanos, que possuem características de abordagem e de método muito próximas dos Estudos Culturais e da Análise de Recepção. Esta, por sua vez, guarda raízes próximas às teorias dos Usos e Gratificações e das correntes de Estética da Recepção e da *Reader-response Theory*, ambas ligadas aos Estudos Literários. (KATZ e LIEBES; 1984 *apud* JENSEN e ROSENGREN, 1990).

Ainda assim, a classificação de Jensen e Rosengren possibilita uma compreensão analítica do processo da recepção, no caso do escopo desse artigo, da recepção de desenhos animados, e elenca a possibilidade de analisá-los a partir de um ponto de vista mais racional-científico, com as perspectivas das escolas funcionalistas norte-americanas, ou de uma abordagem mais humanista, com as abordagens das Escolas críticas literárias e dos Estudos Culturais e suas vertentes.

Referências

BOYNARD, Ana Lúcia Sanguedo. **Desenho animado e formação moral:** influências sobre crianças de 4 a 8 anos de idade. 2002. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade.** Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os Estudos Culturais. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C. (org.); FRANÇA, Vera Veiga (org.). **Teoria da comunicação: conceitos, escolas e tendências.** Petrópolis: Vozes, 2001.

FERNANDES, Adriana Hoffmann; OSWALD, Maria Luíza Bastos Magalhães. **A recepção dos desenhos animados da TV e as relações entre a criança e o adulto: desencontros e encontros.** Cadernos CEDES, Campinas, v. 25, n. 65, p.25-41, jan/abr. 2005.

HAPKIEWICZ, Walter G.; RODEN, Aubrey H. **The effect of aggressive cartoons on children's interpersonal play.** Child Development, Ann Arbor, US, v. 42, n. , p.1583-1585, 1971.

HIMMELWEIT, H. T.; OPPENHEIM, A. N.; VINCE, P. **Television and the child: an empirical study of the effect of television on the young.** London: Oxford University Press, 1958.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Comunicação e recepção.** São Paulo: Hacker Editores, 2005.

JENSEN, Klaus Bruhn; ROSENGREN, Karl Erik. Five Traditions in Search of the Audience. **European Journal Of Communication,** London, Newbury Park And New Delhi, v. 5, p.207-238, 1990.

LAZO, Marta. El proceso de recepción televisiva como interacción de contextos. **Comunicar: Revista científica iberoamericana de comunicación y educación,** Andalucía, Espanha, v. XVI, n. 31, p.35-40, out. 2008.

LITTLEJOHN, Stephen W. **Theories of human communication.** 6a. Belmont, CA, US: Wadsworth, 1999.

MACKINLAY, Elizabeth; BARNEY, Katelyn. Move over and make room for Meeka: the representation of race, otherness and indigeneity on the Australian children's television programme "Play School". **Discourse: studies in the cultural politics of education,** [s. L.], v. 29, n. , p.273-288, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Tradução de Ronaldo Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos.** Petrópolis: Vozes, 2009.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação.** Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1999.

MORLEY, David. **The nationwide audience**: structure and decoding. London: BFI, 1980.

MUSSEN, P. H.; RUTHERFORD, E.. Effects of aggressive cartoons on children's aggressive play. **Journal Of Abnormal And Social Psychology**, [S. l.], v. 62, n. 2, p.461-464, mar. 1961.

NEUSS, Norbert. Gaps for fantasy in children's films: television and the aesthetic of reception. **Televizion: Children's fantasies and television**, Munique, n. 16, p.22-27, 2003

OROZCO GÓMEZ, G. **La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa**. México: Instituto Mexicano para el Desarrollo Comunitario, A.C. / Argentina: Facultad de Periodismo y Comunicación Social - Universidad Nacional de La Plata, 2000.

OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. El papel del lenguaje televisivo en la constitución del lector contemporáneo. **Comunicar: Revista científica iberoamericana de comunicación y educación**, Andalucía, Espanha, vol. XIII, n. 25, p.303-303, out. 2005.

SCHRAMM, Wilbur; LYLE, Jack; PARKER, Edwin. **Television in the lives of our children**. Stanford, CA, US: Stanford University, 1961.

SIEGEL, Alberta Engvall. Film-mediated fantasy aggression and strength of aggressive drive. **Child Development**, Ann Arbor, US, v. 27, n. 3, p.365-378, set. 1956.

SILVA, Rogério Correia da. **A televisão sob o olhar da criança que brinca**: a presença da televisão nas brincadeiras de crianças de uma creche comunitária. 1999. 224 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Departamento de Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

STAIGER, Janet. **Media reception studies**. New York: NYU Press, 2005.

VERGARA, Ana; LEYTON, Enrique Vergara. La TV en la vida de la infancia: estudio de caso en Santiago de Chile. **Comunicar: Revista científica iberoamericana de comunicación y educación**, Andalucía, Espanha, vol. XVI, n. 31, p.331-337, out. 2008.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.